

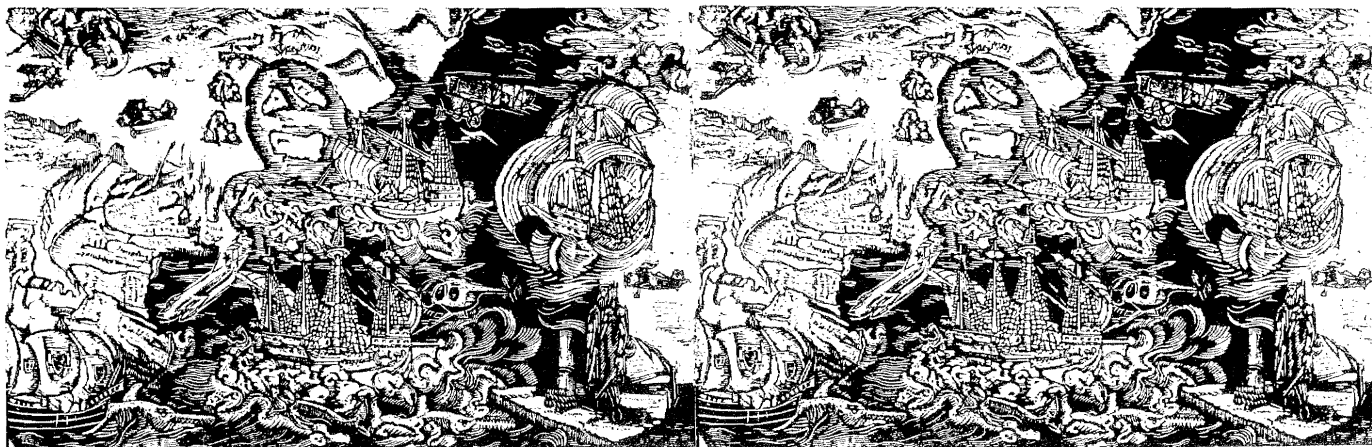
DÁDIVA A DARIO.
OU SOBRE A EXPOSIÇÃO:
MOBILIDADE EM PROCESSOS DE GRAVURA

TEXTO VISUAL: IARA STROBEL CAMARGO¹
TEXTO VERBAL: HO LIHN PIUH²

CAMARGO, I.S. PINHEIRO, O. Dádiva a Dario. Ou sobre a exposição: mobilidade em processos de gravura. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 14, n. 3, p. 155-158, set. 1993.

RESUMO: Apresentação da exposição "Mobilidade em processos de Gravura", da artista plástica Iara Strobel, na Secretaria de Cultura/Curitiba. Observa-se este fenômeno criativo, recorrendo a uma estratégia a que chamaria de "refração" poética, no sentido bakhtiniano. A refração do verbal através do não verbal, permite por hipótese gerenciar uma "linguagem sem língua", embora não isenta de códigos a serem desvelados na operação crítica. Tensiona, nesta ocorrência, o próprio instrumento de análise exigindo um deslocamento do pendor referencial para o poético.

PALAVRAS-CHAVE: Gravura; Mobilidade



RE II

Mapa 30

[Conceber] que o mundo é formado por objetos cuja existência é independente da consciência humana mostra-se em conflito com a mecânica quântica e com fatos estabelecidos por experimentos (D'ESPAGNAT, 1979, p. 128).

Quando o rei Dario invade o país dos Citas, estes lhe enviam um presente — no depoimento de Heródoto (II, 16) — um pássaro, um rato, uma rã e cinco flechas. Como ler essa mensagem?

A conexão entre o ato de conhecer um objeto pelo sujeito e o próprio objeto é de uma intimidade desconcertante. Assemelha-se ao que experimentamos quando cada um de nós se observa ao espelho. E se dá conta. Nossa imagem é o objeto observado e nós somos o sujeito observador.

SEM VEMER APOR... FRAGMENTO

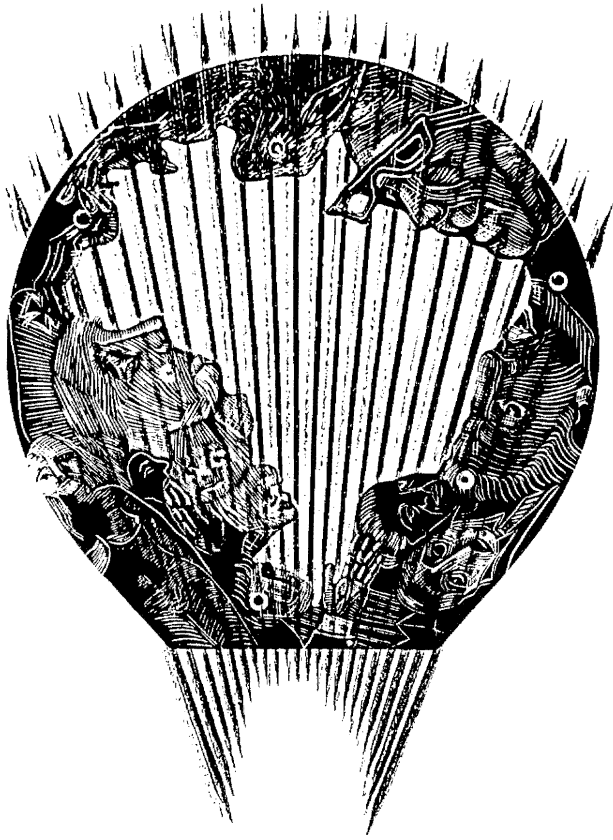
O que nós vemos? Seremos nós?

O mapa é o território? É possível ser, simultaneamente, ilusionista e o público (iludido)? Se somos nós (observados), não somos nós (observado). E se não somos, somos. Um "paradoxo de duplo vínculo" (Bateson), presente em nossa comunicação cotidiana, na arte e na vida, porque "não me contradigo, a contradição sou eu".

"Provera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele/ Poeta decadente, estupidamente pretensioso/ Que poderia ao menos vir a agradar,/ E não surgisse em mim a pavorosa ciência do ver". (CAMPOS, 1965, p. 370).

Já se observou no espelho embaciado do seu banheiro. Já traçou com o dedo o contorno embaciado do seu rosto. Mas já mediu e comparou com régua os limites do seu rosto e os da imagem do espelho? Será que são iguais? O espelho reflete certo porque não pensa. Quem está errado, o espelho? Fig. 02

1 - Iara Strobel Camargo e Olímpio Pinheiro são professores do Departamento de Artes, CECA, Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, Pr., Brasil, CEP 86051-970
2 - Ho Lihn Piuh psicógrafa Olímpio Pinheiro.



1/30

"CARTO GRAFIA II"

Stobel 87

"Pouco me importa.
Pouco me importa o quê?
Não sei: pouco me importa"
(CAEIRO, 1965, p. 242).

"Admirável
aquele que diante do relâmpago
não diz: a vida foge"
(Bashô Apud PAZ, 1980, p. 21).

Há na tradição do *hai cai*, é conhecido, uma linha de poemas humorísticos, conceptuais ou epigramáticos. Alguém já mostrou como a obra de Caieiro — sem ser formalmente — se recorta, ou é passível, em *hai cais*. E que o mesmo não é possível em outros poetas, a exemplo mesmo de Ricardo Reis (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 113-159).

Há um rumor de humor nas propostas (gravuras?) de Iara Strobel. Propostas? Não parecem argumentativas ao modo filosófico. Nem aliantes ao modo religioso. Leis? A "gente aprende a pintar pelo olho, não por álgebra" (Pound). Seus trabalhos se propõem como busca ou saída existencial. Mais postura pessoal do que apelo profético. Sem visar adeptos ou os rumos da humanidade. Simplesmente: "enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer" (Pareyson). Como é chato — ai de mim — ser professoral!

Quem formula aquela bateria de questões-armadilha, engodo de leitor — a gravadora é seu primeiro leitor — não fui eu. Foi ela. Não com palavras: "...uma nuvem passa a mão por cima da luz/ E corre um silêncio pela erva fora". Nuvem de tempo histórico, se é legítimo acrescentar. Assim, não nos d/iz/á tudo. Limita-se a (des)apontar. É um convite à viagem, viagem que devemos fazer por nossas próprias pernas. Exige a participação do espectador. Conta e risco. A ironia (distinta do sarcasmo), cabe aqui, não nas fronteiras do provincianismo.

"Outrora os habitantes de uma cidade — pelo visto trata-se de Siena — tiveram um general que os libertou da pressão estrangeira. Todos os dias consultavam-se para saber como recompensá-lo, e concluíram que não tinham em seu poder qualquer recompensa à sua altura, nem mesmo se convertessem-no em senhor da cidade. Finalmente, um deles se ergueu e sugeriu: 'Matêmo-lo e então adorêmo-lo como o santo padroeiro da cidade'. E dizem que assim se fez..."
(BURCKHARDT apud GAY; 1990, p. 131).



1/30

perfil II postal

12/16/87



3/10

PROJETO PPA MEMÓRIA II

Strobel

Esta exposição parece contar aquela história em ordem inversa. Do fim para o princípio, ou pelo avesso. Os mitos conservados em museu, suposto reino das supostas musas (não um paideuma), são emersos ao tempo presente, e libertados de sua condição de santos padroeiros.

O reino da cópia servil é, todos sabemos, distinta da criação, mas por vezes de fronteiras tênues. Envolve esta última, uma dialética entre tradição e inovação, uma entidade-entre ou "transtextualidade", na conceituação de GENETTE (1979, p. 87). Estão implícitos na transtextualidade, o dialogismo de Bakhtin e o intertexto de Kristeva, que urge traduzir para transvisualidade e, dentro desta, incluir a "intervisualidade". Conforme a PIGNATARI (1981) a intervisualidade é uma polifonia de imagens, com ícones atraindo ícones, criados ou citados, por similaridade ou oposição.

Nesse amplo espectro, corpo da transvisualidade, resalto apenas a paravisualidade, em que a relação que une o comentário visual à imagem que comenta, é uma relação imitativa ou de transformação em suas diferentes variantes,

tais como o pastiche e a paródia. Cópia pode ser roubo, como no caso do plágio, mas o intertexto (intervisualidade), tal como a paródia, é empréstimo (HUTCHEON, 1989). Ou — se aqui nestes trabalhos o acharmos — poderia ser troca, importação / exportação. Valeria ainda uma breve referência à metavisualidade, ou relação transvisual que une uma imagem comentário à imagem que comenta. Linguagem uróboro (esta), voltando-se sobre si mesma, reflexivamente.

"A não ser que te transformes em pássaro para voares no ar, em rato para penetrares sob a terra ou em rã para te refugiarestes nos pântanos, não conseguirás escapar às nossas flechas". É o que a história nos dá como resposta, à pergunta inicial, sobre o presente cita a Dario.

As outras questões, uma outra história — a da linguagem — nos dará outra versão: ...em pássaro para penetrares sob (sob) a terra, em rato para voares na água ou em rã para te refugiarestes no ar. Precisamente, para não conseguirestes escapar das flechas. Não as dos citas (cionistas). As do arqueiro Zen.

Pá e es-pa-na-dor, é preciso. Preciso ou Necessário?



CAMARGO, I.S.; PINHEIRO, O. Gift to Darius. Or on about the exhibition: mobility in printmaking procedures. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 14, n. 3, p. 155-158, Sept. 1993.

ABSTRACT: Presentation of the exhibition "Mobility in printmaking procedures", by the visual artist Iara Strobel, at Secretaria de Cultura/Curitiba. This creative phenomena is observed by making use of a strategy, which can be called poetic "refraction", in the Bakhtinian sense. Verbal refraction through the non-verbal, allows, by hypothesis, the management of a "langage sans langue" although being immuneless of the codes which can be unveiled in a critical operation. It strains, in this occurrence, the very same tool of analysis, calling for a displacement from the main referring function to the poetic one.

KEY-WORDS: Printmaking procedures; Mobility

Semina: Ci. Soc./Hum., v. 14, n. 3, p. 155-158

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASHÔ, Matsuo. Prefácio. In: PAZ, Octávio. *O livro dos Hai-Kais*. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempt, 1980.

CAMPOS, Álvaro de. [Fernando Pessoa]

D'ESPAGNAT, Bernard. The quantum theory and Reality. *Scientific American*, p.128-140, nov. 1979.

GAY, Peter. *O Estilo na História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GENETTE, Gérard. *Introduction à L'Architex te*. Paris: Du Seuil, 1979.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte no século XX*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica da Arte e da Arquitetura*. São Paulo: Cultrix, 1981.

Recebido para publicação em 9/3/1992



He DESTINATÁRIO 7 Mobil